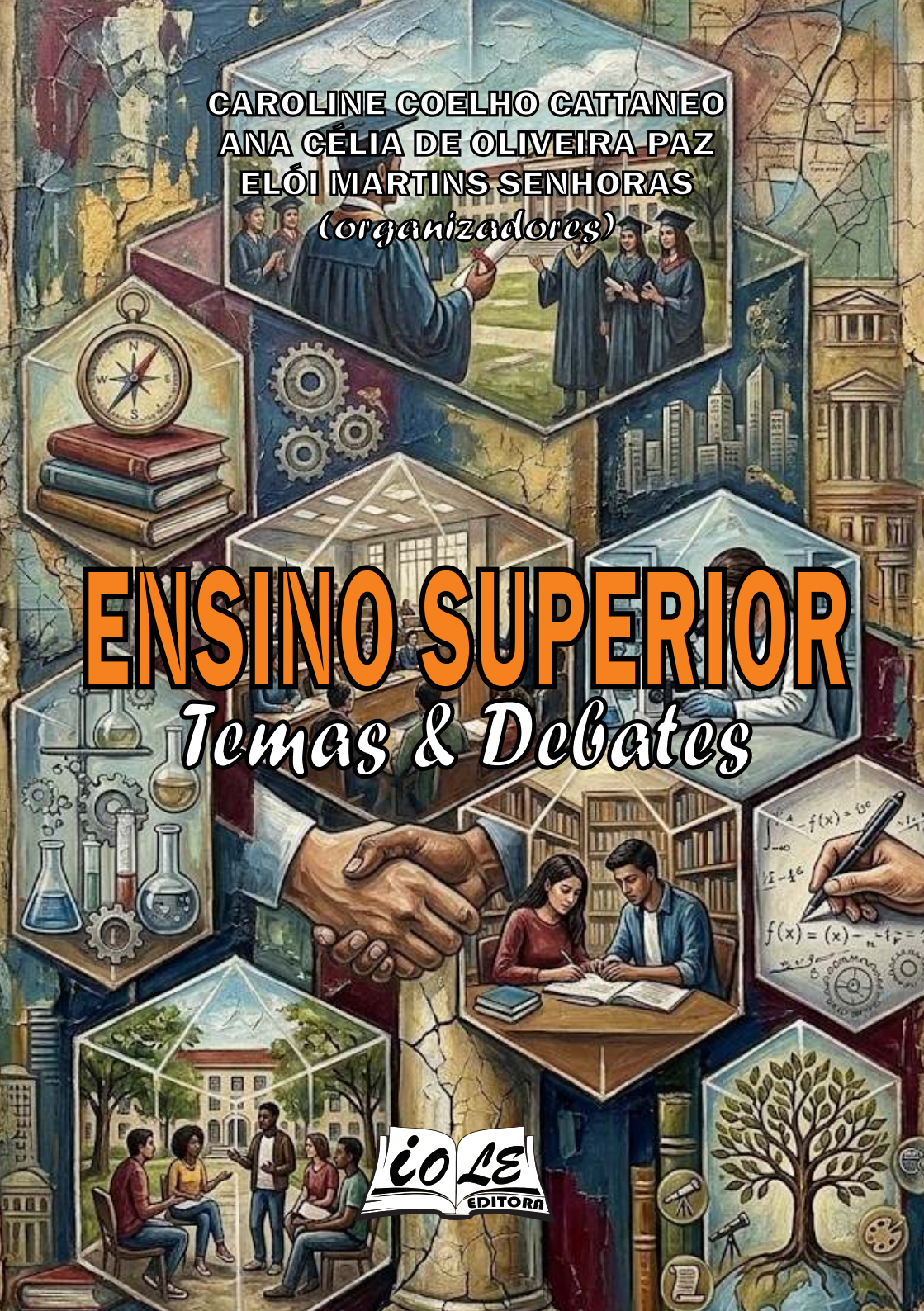
CAROLINE COELHO CATTANEO
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates



EDITORA

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates

ENSINO SUPERIOR

Temas & Debates

Caroline Coelho Cattaneo
Ana Célia de Oliveira Paz
Elói Martins Senhoras
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Ca4 CATTANEO, Caroline Coelho; PAZ, Ana Célia de Oliveira; SENHORAS, Elói Martins (organizadores).

Ensino Superior: Temas & Debates. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-977111-7-8

1 - Educação. 2 - Ensino Superior. 3 - Estudos de Caso. 4 - Universidade.
I - Título. II - Cattaneo, Caroline Coelho. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 2

Internacionalização do Ensino Superior:
Um Estudo sobre Barreiras e Possibilidades

INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE BARREIRAS E POSSIBILIDADES

Isadora Iannini Cota Dutra[1]

Carolina Machado Saraiva[2]

Roberto Kaehler de Albuquerque Maranhão[3]

A importância da internacionalização do ensino superior é algo já estabelecido na sociedade globalizada. Tratados entre países, acordos econômicos internacionais e queda das barreiras culturais são algumas das expressões do forte impacto da educação como uma esfera da formação multicêntrica. Panoramas sobre a internacionalização da educação já foram traçados por diversos autores, tendo, no Brasil, os estudos de Lima e Riegel (2010 e 2015) e Lima e Maranhão (2015) como referência. O aumento da taxa de migração é crescente, em quase todos os países ocidentais, com grande destaque aos países de língua inglesa.

No Brasil, várias instituições de ensino adotaram como alternativa de formação a internacionalização de seus estudantes, desde a graduação até os níveis de pós-graduação *stricto* e *lato sensu*. Aliás, um dos critérios adotados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no caso dos cursos de *stricto sensu*, para a avaliação institucional é o grau de

[1] Mestranda em Empreendedorismo e Inovação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail para contato: isadora.i.c.d@gmail.com

[2] Professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail para contato: carolamsaraiva@gmail.com

[3] Professor e Consultor em Desenvolvimento de Sistemas. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFOP). E-mail para contato: r.maranhao@gmail.com

internacionalização dos seus programas, o que engloba: parcerias interinstitucionais, publicações em *journals*, número de alunos em programas de mobilidade e desenvolvimento de pesquisa e ciência de ponta, em conjunto com escolas estrangeiras. Outro indício da importância da mobilidade internacional é o programa Ciência sem Fronteiras, financiado pelo Governo Federal e que abrange desde a graduação até a pós-graduação. Inúmeros alunos foram contemplados com a oportunidade de estudar no exterior com programas dessa natureza. Os resultados de tal empreitada são planejados para médio e longo prazo, com a criação dos vínculos internacionais. No entanto, já em curto prazo, percebe-se o impacto positivo das mobilidades internacionais à medida que os alunos trazem "de fora" novas experiências no campo da ciência, dessa maneira, incrementando metodologias e *corpus* teórico, sempre que possível. Há, também, a valorização da produção científica nacional ao realizar-se a divulgação mais eficaz das produções nacionais no campo da ciência.

No entanto, conquanto a importância estabelecida e todos os esforços realizados com relação à internacionalização do ensino superior, o que se percebe, no dia a dia de muitas escolas, é o baixo grau de conhecimento efetivo dos discentes no tocante às possibilidades de mobilidade internacional. Há um alto grau de interesse que, todavia, não se reflete em aumento pela busca de informações mais precisas quanto às particularidades dos programas de internacionalização. Essa dissonância gera uma improdutividade sistêmica, podendo-se frustrar estudantes e gestores neste processo. A solução para este tipo de situação é o realinhamento estratégico entre expectativas e metas para que o propósito inicial dos programas de mobilidade alcance seus públicos e se concretize.

Frente a essa situação e buscando encontrar opções para a superação desse problema, propôs-se este estudo a respeito da familiaridade dos alunos de graduação de uma Instituição Federal de

Ensino Superior (IFES), do curso de Administração, sobre a temática da internacionalização do ensino superior. Dessa forma, colocou-se como problema de pesquisa a seguinte questão: qual o grau de conhecimento, as possibilidades e barreiras da internacionalização em relação aos alunos do curso de Administração de uma IFES? Pretendeu-se, dessa maneira, estabelecer relação entre o que os autores inferem a respeito da internacionalização e o que os alunos vivenciam, acreditam ou conhecem no que concerne à academia que trata sobre a internacionalização.

A fim de responder a esse questionamento, foi elaborada uma pesquisa de campo com os alunos do curso de Administração de uma IFES. A coleta de dados revelou um grau alto de disseminação do conceito da internacionalização, contrastando com um baixo grau de conhecimento dos programas de mobilidade internacional.

Nas seções seguintes, expõem-se discussões acerca da internacionalização do ensino superior no âmbito acadêmico, seguidas de uma apresentação breve dos conceitos associados a ela. Na continuidade do estudo, apresentam-se as seções atinentes à metodologia, à análise dos dados e às considerações finais.

A pesquisa ora apresentada lança luzes sobre um tema fundamental para a formação dos administradores, principalmente, considerando-se a necessidade de conhecimentos globalizados, os extramuros que a profissão de administrador exige, visto que tomar decisões em um contexto global demanda uma formação global.

PERSPECTIVAS DO DEBATE ACADÊMICO SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Nos anos da década de 1980, a troca de experiência nos campos científico e acadêmico entre diversos países, assim como a

internacionalização do ensino, passou a ser uma estratégia de desenvolvimento das IES, e, sendo elas uma consequência do mundo globalizado, estão em constante crescimento (VEIGA, 2011).

O termo internacionalização pode ser encontrado em diversas áreas e possui diferentes conceitos. Segundo Knight e Wit (1995), a internacionalização da Instituição de Ensino Superior (IES) é um conjunto de atividades destinadas a fornecer uma experiência educacional em um ambiente que integra uma perspectiva global.

Morosini *et al*. (2016) definem a internacionalização no cerne do ente universitário como o fator de legitimação da circulação do conhecimento e da formação de recursos humanos. As autoras também chamam atenção para a potencialidade da internacionalização de exercer um papel de auxílio à construção da identidade local e ao desenvolvimento socioeconômico ao destacarem os aportes de Didriksson (1998 *apud* MOROSINI *et al*., 2016) sobre a cooperação internacional.

Ferrari (2015) afirma que o fluxo internacional de pessoas, isto é, a globalização, as informações e tecnologias, possibilita essas trocas de experiências e o interconectar do conhecimento, ultrapassando fronteiras e conhecendo sistemas educacionais. A autora cita uma pesquisa de Galway (2000 *apud* FERRARI, 2015), no *The Colleges of Applied Arts and Technology of Ontario* (CAATs), em que se listaram três justificativas para o recrutamento de estudantes internacionais: a geração de receita, as perspectivas estrangeiras para o corpo discente local e a promoção das relações internacionais.

Miura (2006) conceitua a internacionalização como um processo de programas, serviços e atividades pautado na cooperação técnica, em intercâmbios e estudos internacionais. Segundo a autora, é um esforço sistemático e sustentado na intenção de conduzir o

ensino superior pelo caminho da globalização manifestada no mercado do conhecimento e nas organizações econômicas.

Para Araújo e Silva (2015), a internacionalização tem sido objeto de estudo sobre avaliação da qualidade do ensino e da investigação. De acordo com essas mesmas autoras, durante outras pesquisas, elas observaram a tese de que a internacionalização é fruto da globalização, e, assim, é uma maneira de fazer política em âmbitos nacional e internacional. Elas citam o fato de a internacionalização atingir o tripé: investigação, ensino e inovação, com o processo de transferência do conhecimento, e conceituam, por meio de uma construção simbólica, pela qual exprimem:

> A internacionalização, enquanto palavra-chave do paradigma *managerial* moderno, é permeável e oferece-se a esses processos de construção, por meio dos quais produz efeitos reais nos universos quotidianos da ação organizacional. E enquanto palavra e ato de linguagem, nomeia, corporiza e consubstancia uma realidade, adquirindo um estatuto performativo, no sentido em que "faz uma realidade": ela assume protagonismo como se existisse "de fato";
>
> [...];
>
> A internacionalização ganha essa vertente ilusória e quase alquímica a partir do momento em que deixa de ser entendida como um meio e passa a valer como fim em si mesmo, autodesignando um conjunto de atributos susceptíveis de serem classificados como necessariamente vantajosos e imprescindíveis nos processos de construção identitária das universidades e centros de investigação, que incluem a determinação dos países com os quais se deve colaborar (ARAÚJO; SILVA, 2015, p. 85).

GLOBALIZAÇÃO, INTERNACIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO DISRUPTIVA E HIBRIDISMO CULTURAL

Frente ao cenário de globalização atual, a internacionalização do ensino é de suma importância para a inovação disruptiva da educação. O conceito de inovação disruptiva foi mais bem definido, segundo Cândido (2011), por Clayton Christensen, na década de 1990, em seu livro *The Innovator's Dilemma* (1997).

O conceito tratado por Christensen (1997 *apud* CÂNDIDO, 2011) é tido como relativo à origem de novos mercados e modelos de negócio, apresentando soluções mais eficientes do que as existentes até o momento, isto é, a ruptura de um antigo modelo de negócio que altera as bases de competição existentes.

Esse conceito pode ser levado ao encaixe na internacionalização do ensino, que passa a ser, portanto, uma quebra de paradigmas entre a educação superior existente antes desse ambiente globalizado e a nova educação superior, por sua vez, obtida por meio da internacionalização da educação.

A inovação disruptiva da educação deve-se às novas maneiras de pensar e agir de alunos e professores por meio de um novo conceito de qualidade do ensino e aprendizado, obtendo um novo mercado ainda não valorizado por muitos estudantes, mas que revela atributos que chamam atenção para uma nova cultura de aprendizagem.

Por meio de diferenciais como o hibridismo cultural e a ampliação de experiências educacionais, a tendência é de que a internacionalização do ensino prospere. Com ela, as instituições de ensino ganharão experiências sólidas, além dos alunos que irão voltar da mobilidade acadêmica com uma gama de novos conhecimentos, assim, permitindo investimentos concretos. A

internacionalização também melhora os atributos da educação, bem como acrescenta conhecimentos para aplicação no mercado de trabalho.

Segundo Cevasco (2006), no processo de internacionalização, há a importância do hibridismo cultural, que é a confluência de diversas formas de culturas, formadas, anteriormente, por uma espécie de caldo cultural, que gerou vocábulos, formas de pronúncias e tantas diversidades, que acabam por formar certa identidade de um país continental como o Brasil.

Ainda, segundo a autora, há as correntes que defendem que o hibridismo cultural foi apenas uma consequência da defesa dos oprimidos, que aceitaram a cultura imposta pelo mais forte, para aceitar a formulação de uma suposta camada dominante que pudesse organizar a nação. Em uma análise mais explícita, é como dizer que os vassalos apenas aceitaram os suseranos mais bem organizados.

Como apontado em Cevasco (2006), existem correntes que defendem o hibridismo cultural como a evolução dos idiomas e costumes e que suas modificações e variações cumprem a função dinâmica da linguística, sendo, para os sociólogos, uma tendência futurista de um conjunto de costumes e códigos a ser adaptado ou substituído gradativamente por outro.

Na visão de Canclini (2011), o hibridismo representa a confrontação entre classes dominantes e dominadas, mas há uma ligeira evolução, pois, pela herança ou pelo embate entre as diversas nuanças delas, de alguma forma, uma contribui diretamente com a outra.

Para o referido autor, destacam-se dois processos importantes na hibridação ou diversidade dos núcleos culturais, a saber:

- A quebra das coleções culturais;
- A quebra da territorialidade cultural.

Na quebra das coleções culturais, os acervos são disponibilizados de modo não tão sistêmico, como, por exemplo, os *videogames*, com títulos em língua estrangeira e enredos também em outros idiomas, difundidos na cultura popular, para populações de baixa renda, e levam, de forma não intencional, um grau de cultura a que talvez aqueles indivíduos não possam ter acesso nas coleções e nos acervos culturais formais.

A quebra de territorialidade, no âmbito da América Latina, é a desarticulação cultural no próprio mercado, ou seja, é o espalhamento de uma forma de viver e de consumir por meio da disseminação de produtos globais.

Nas duas quebras, por assim dizer, colocou-se como exemplo, segundo o autor, como os modernos aparelhos de celulares e informática móveis vão modificando, de alguma forma, relações e costumes e, assim, tornaram-se quase universais, visto que pessoas de diversos credos, faixas etárias e nacionalidades utilizam as redes sociais ou outras funções a partir desses mini equipamentos e, com isso, têm alcance e funcionalidade comuns a todos os pontos do planeta.

Araújo e Silva (2015) apresentam pressupostos no artigo *Temos de fazer um cavalo de Troia*. Um deles é que os atores organizacionais, que são responsáveis pelos programas e políticas, concordam com a necessidade de inclusão da internacionalização como "dimensão central da práxis organizacional, assim como da práxis avaliativa do trabalho dos docentes, investigadores e centros de investigação" (ARAÚJO; SILVA, 2015, p. 79).

A internacionalização ocorre por intermédio de programas de intercâmbios educativos e de cooperação técnica de estudantes de diversos países. E, para os autores, a experiência do intercâmbio envolve muito mais que o aprendizado linguístico, mas também a condução e transmissão de uma nova apropriação mais liberal de uma cultura, que pode ser disseminada para alavancar mudança de processo no país de origem daquele que participou dos programas.

Segundo Laus (2012), na sua experiência como uma das coordenadoras na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a partir de 2002, iniciaram-se, naquela instituição, modelos de internacionalização que podem ter aplicabilidade na instituição de ensino estudada, confrontando com os dados da presente pesquisa.

No caso específico da UFSC, a autora mostra como as estratégias para implantação de uma IFES necessitam de total coordenação entre verbas, programas de parcerias público-privadas e grande esforço da comunidade científica local para adequação com as normas exigidas pelas entidades internacionais.

Segundo a autora, a UFSC atraiu a participação de entidades internacionais, especialmente, na visão do território latino-americano. Como alvo estratégico, mormente no caso da UFSC, visto que, na região Sul do Brasil, há uma grande representatividade pela adaptação das populações de origem europeia em sua maioria.

Laus (2012) sugere que formaram um macro universo extremamente rico, de como é possível a hibridação dos sistemas de ensino, pelo grande núcleo cultural ali formado. Na confluência entre herança cultural e modificação dessa herança e na adaptabilidade em outro local diverso do continente de origem.

Com isso, assim como visto em Bernheim e Chauí (2008), é justamente no desafio das sociedades para os novos padrões de conhecimento que a universidade representa um novo parâmetro para as modificações. Segundo Bernheim e Chauí (2008), após a

Conferência Mundial sobre Educação Superior, ocorrida em 1998, em Paris, em que foram discutidos os novos rumos das universidades pelo mundo, especialmente, sobre estudos anteriores em diversas regiões, revela-se que o papel global das universidades, a partir do final dos anos de 1990, assumiu uma nova coleção de *commodities* para as nações.

Conforme Aguiar (2009), a internacionalização do ensino, por si só, deve ser tratada como caminho estratégico, não só para o aperfeiçoamento profissional, mas também como fator de enriquecimento cultural e técnico daqueles que participam dos processos e programas correlatos. Ou seja, é, de certa forma, um investimento das próprias instituições e do país.

Na visão da aludida autora, existe ganho para ambas as partes, visto ser uma ferramenta estratégica tanto para os órgãos e as entidades mantenedoras dos programas, tanto do país que envia o estudante/participante como também do país que o recebe.

De acordo com Douek e Zylberstajn (2007), no universo de colocações profissionais entre gestores, administradores e afins, e até mesmo em toda a formação de executivos em geral, a experiência por intercâmbios, programas e processos diversos ligados aos estudos por participações em ciclos internacionais tem se revelado como a principal fonte de novas ideias, especialmente, de nova sintonia com realidades para reconhecimento de oportunidades e abertura de mercados. No entanto, para os mesmos autores, há a barreira não do multiculturalismo, mas, principalmente, do menor grau de estudantes brasileiros, que têm baixo conhecimento em outros idiomas.

Em Nogueira, Aguiar e Ramos (2008), são apontadas as questões sobre a internacionalização do ensino, indicando que o ensino superior, em geral e escala global, teve o incremento dos intercâmbios, alguns anos depois do final da Segunda Guerra

Mundial, uma vez que as experiências entre os círculos militares de diversos países levantaram a curiosidade e necessidade pela integração entre diversas nações. Ou seja, o mundo sentiu a necessidade de se integrar, de alguma forma, para troca de experiências tecnológicas e abertura de novas fronteiras de mercados.

Ainda, segundo Nogueira, Aguiar e Ramos (2008), o ensino superior é, com certeza, o principal fomentador de experiências internacionais, e, no caso do Brasil, basicamente, o único nível educacional com participações efetivas nos processos e programas internacionais.

Já Silva, Lima e Riegel (2012) apontam que a chamada imagem de destino, de certa forma, influencia os estudantes que desejam a busca por experiências em outras culturas e nações. Na observação dos autores, a partir do processo de globalização dos últimos 30 anos, não só o consumo sofreu alterações significativas no quesito comportamento das pessoas, mas, também, houve incremento de curiosidades sobre os costumes e a forma de vivência das sociedades dos países. Ou seja, a inserção de produtos com características de cada país despertou, de certa forma, o desejo de novas vivências e, com certeza, a construção mental de um destino, por assim dizer, que vem despertando no indivíduo a necessidade de viver novas experiências para construir caminhos.

Para Lima e Maranhão (2011), há o desdobramento crítico e a reflexão sobre a influência da internacionalização na formação do padrão de currículos e de que não existe necessariamente uma contribuição social ou educacional direta, mas, de certo, há a geração de vantagens ao setor privado tanto para instituições de ensino quanto para empresas ou entidades participantes como mantenedoras, copatrocinadoras ou afins.

Pela observação dos autores, há talvez uma semi formação de muitos dos participantes dos processos, e não necessariamente uma experiência multicultural. Com isso, nessa premissa, há de se promover muitas discussões sobre como os mecanismos de internacionalização de ensino devam ser estruturados.

Lima e Maranhão (2011), nas investigações sobre os fatores motivacionais, no universo observado entre estudantes de Administração, apontam os aspectos que influenciam a curiosidade e a necessidade dos estudantes que se candidatam aos programas de ensino superior em outras nações.

Segundo as mesmas autoras, a língua é, com certeza, o primeiro aspecto de influência na escolha, particularmente, a dos países de língua inglesa. Os fatores socioculturais ficam em segundo plano. Já no quesito custos, há uma influência crescente nos últimos tempos, no entanto, ainda pesa menos que o idioma.

Já em Lima e Riegel (2015), no contexto de avaliação mais ligado aos estudantes latinos, com comparações entre os participantes brasileiros e colombianos em processos e programas de ensino superior no exterior, bem como pela observação dos autores, constatou-se que, por características diversas, os estudantes desses países têm diferenças pontuais. No caso de quesitos como trabalho, no universo da pesquisa realizada, os autores concluíram que a maior parte dos estudantes colombianos trabalha quando ingressa nas experiências internacionais, e os estudantes brasileiros em menor parte. A maior parte dos estudantes brasileiros é no quesito voluntariado, enquanto os estudantes colombianos em uma menor parte.

Em Stallivieri (2009), é levantada a questão da absorção dos estudantes nos processos de internacionalização de ensino, sobre os reais benefícios de suas incursões, especialmente, sobre o capital acadêmico gerado às instituições participantes, e, sobretudo, da

contribuição para melhoria de seu corpo discente e docente. Conforme os estudos dessa autora, há, também, a necessidade de revisão de quais os impactos desses investimentos por parte das entidades de ensino, assim como a discussão sobre a preparação linguística dos estudantes, de modo particular, qual é a resultante no retorno dos países de origem, dos benefícios sociais, culturais e profissionais obtidos.

Essa mesma autora afirma que os países europeus, principalmente, Alemanha, Reino Unido e França, ainda, são os campeões de alunos recebidos do mundo inteiro, seguidos da Austrália e dos Estados Unidos.

Ianni (2005), nos estudos e observações sobre a sociedade global, aponta que o processo de globalização envolveu, nas últimas décadas, muito mais que influências ou modificações econômicas e políticas, mas, sobretudo, a inserção de novos conceitos, comportamentos e anseios culturais e sociais.

Para o mesmo autor, se considerarmos os eventos históricos que coincidem com esse período de globalização, o mundo viveu, desde o pós-guerra, emancipações e desligamentos de colônias em números elevados, processos de divisão e redivisão de blocos políticos e econômicos (como a queda do Muro de Berlim, a *Perestroika* etc.).

A inclusão de Ianni (2005), para o presente artigo, justifica-se também pela questão da imagem de destino, ou seja, fortifica no tocante a um dos grandes fatores motivacionais em processos de busca por experiências em outros países, ou seja, a necessidade de conhecimento, pela vivência, daquilo que se tem visto nos produtos ofertados entre os países, nas formas de comunicação e nos novos cenários que despertam curiosidades aos estudantes e profissionais.

Em Chermann (1999), a internacionalização do ensino é vista não só como aquele processo que foi influenciado pela globalização,

mas também como um fator que beneficia a própria globalização, dando contribuição mais efetiva para o enriquecimento cultural, e, em contraponto a outros autores, defende que, de certa forma, ainda que lentamente, há um legado e uma cooperação para o ensino superior, e que tal processo forma uma tendência talvez definitiva no futuro, quando instituições de ensino tornar-se-ão, com o advento de novas tecnologias, sedes virtuais e globais para a disseminação de culturas e conhecimentos acadêmicos.

Segundo Dale (2004), há a observação sobre o surgimento gradativo de uma visão cultural global, como uma cultura remanescente de um número cada vez maior de vivências, incrementadas pela maior participação dos estudantes em programas de intercâmbios e aprimoramentos diversos.

Ao se considerar, segundo o mesmo autor, que as ferramentas tecnológicas aproximaram muitas pessoas em um grau elevadíssimo de contato, ainda que virtual, esse fator, com certeza, forma uma cultura entre os novos egressos na vida acadêmica, pela busca, quase obrigatória, por experiências e aperfeiçoamentos para vivenciar cenários, formatos e culturas na prática.

Já em Santos (2006), há também um lado perverso, que requer certo cuidado na consideração sobre experiências globais, especialmente, nos meios acadêmicos, pois há interesses oriundos das vantagens capitalistas objetivadas pelas corporações e conglomerados envolvidos nos supostos incentivos para profissionais e estudantes participantes dos programas de aperfeiçoamento no ensino superior em suas diversas instâncias.

Conforme Teodoro (2003), existem observações sobre a internacionalização como um instrumento que precisa de gerenciamento adequado, de que as instituições de ensino precisam investir em pesquisas sobre cursos, preparação preliminar do corpo acadêmico e de que a voz do aluno sempre deve ser considerada,

perante sua percepção sobre o mundo que o cerca, da medição de seu grau de interesse, que, inclusive, é um dos centros deste artigo, e de qual a perspectiva para o futuro do próprio modelo de educação, para o aperfeiçoamento no cenário local e global.

Em Batista (2000), há a discussão sobre o real impacto dos processos globais na educação em geral, particularmente, de como o modelo brasileiro de educação tem sido tratado com respeito às adaptações para os novos formatos de aprendizagem. Desde o estabelecimento de novas políticas entre instituições de ensino, bem como as parcerias empresariais e acadêmicas, há, segundo o autor, a necessidade de uma ampla discussão entre sociedade, entidades representativas dos setores econômicos e os diversos entes dos poderes públicos para o estabelecimento de um conjunto de ações educacionais.

INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA BREVE ILUSTRAÇÃO

Feita uma pesquisa inicial de cunho exploratório a título de ilustração para uma primeira aproximação com a internacionalização, procurou-se apresentar uma breve introdução comparativa entre Brasil e Portugal, com uma inicial apresentação de dados de uma IES.

Segundo Freitas (2010), a partir dos anos de 1980, o continente europeu começou a sofrer modificações pela quebra de um modelo por controle central, baseado em origens ou bases mais socialistas com estatizações centralizadas, para um modelo mais avaliativo, com as novas sinalizações de que aquelas nações, no futuro, necessitariam de modelos mais eficientes para formar profissionais mais dinâmicos, pois, até por aspectos para economia

previdenciária, o continente necessitava de uma nova visão sobre carreira, profissão e formato do ensino superior.

Assim, é justamente no choque entre modelo de avaliação e homogeneização que o modelo vigente em Portugal entrou em embate interno nos últimos trinta anos.

No estudo de Freitas (2010), há, na contextualização, paralelos que aproximam Brasil e Portugal pelos seguintes critérios, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Livre associação empírica entre Brasil/Portugal

Portugal Origem	***Transmissão***	***Herança***	***Brasil Resultante***
Língua	Colonização	Adaptação ao longo do tempo	Código linguístico próprio
Cultura e ensino	Primeiras ordens religiosas	Implantação de escolas – chegada da família real	Primeiros modelos de ensino
Formação da sociedade	Regionalização, escravidão, imigração e distribuição territorial	Formação e identidade de cada região	Diversos sotaques e características
Economia e Profissões	Comércio e indústria	Primeiras empresas	Menos investimentos portugueses atuais

Fonte: Elaboração própria. Baseada em: Freitas (2010).

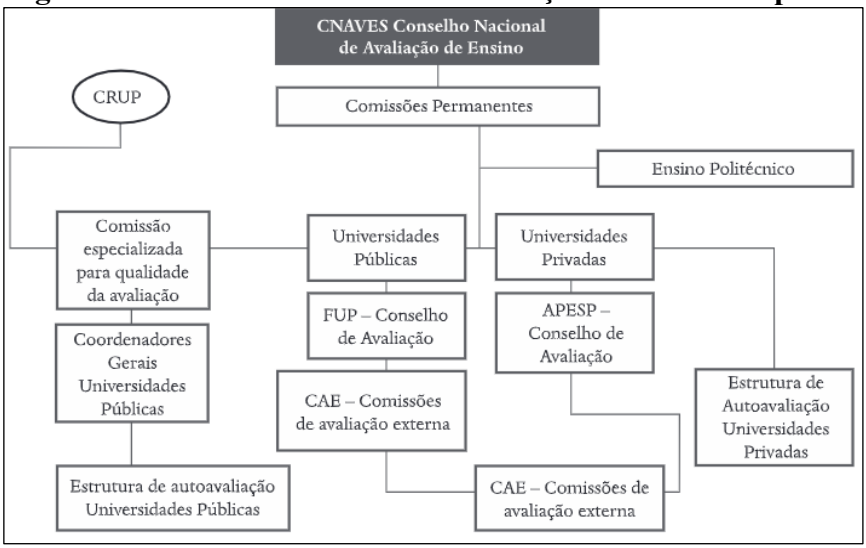
O Quadro 1 apresenta a correlação entre os aspectos educacionais, econômicos, étnicos e linguísticos que se evidenciam entre Brasil e Portugal. Tais aproximações podem indicar que ainda há um vasto campo para exploração da internacionalização de ensino superior, considerando-se:

- BRASIL: emergente e de destaque na América do Sul.
- PORTUGAL: redescobrindo seu papel no continente europeu.

Há, ainda, segundo Freitas (2010), uma profunda tentativa de renovação dentro do continente europeu por parte de Portugal, que, nos últimos 20 anos, ratificou sua política de avaliação do ensino superior. Conforme Neave (2006), o ensino português destacou a relação mais harmônica entre as politécnicas e as instituições de nível superior a partir dos anos de 1990.

De acordo com as avaliações de Freitas (2010), Portugal utiliza o Conselho Nacional de Avaliação de Ensino Superior (CNAVES), como apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Conselho Nacional de Avaliação de Ensino Superior



Fonte: CNAVES 2006 *apud* FREITAS (2010, p. 183).

Percebe-se, na estruturação do sistema de avaliação de ensino superior em Portugal, que há predominantemente uma preocupação com o monitoramento da qualidade de ensino. Há comissões de avaliações com o fim especial de controlar as gestões integradas, mormente, direcionar corretamente as verbas educacionais e funcionar como um tribunal de contas da educação, fiscalizando com mais eficácia as entidades públicas de ensino.

Para melhor exemplificar, desenvolveu-se uma pesquisa inicial na IFES deste estudo e, para tanto, foram coletados alguns dados sobre a Mobilidade Acadêmica Brasil-Portugal, na Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT) dessa IFES, no período de 2013 a 2016, a saber:

Entre 2013 e 2016, oito alunos vieram de Portugal para a IFES pesquisada do Brasil, para estudos em diversas áreas, especialmente, em Engenharia de Minas. Por meio da mesma instituição, 246 alunos realizaram a mobilidade acadêmica para Portugal, no mesmo período de 2013 a 2016, em diversos cursos, mormente, Direito e Engenharias, como se observa nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Alunos que vieram para a IFES (2013-2016)

Curso	*Quantidade*	*Percentual*
Pós-Graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais	1	12,5%
Engenharia de Minas	5	62,5%
Engenharia Ambiental	1	12,5%
Engenharia Geológica	1	12,5%
Total	**8**	**100%**

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: CAINT/IFES (2013-2016).

Tabela 2 – Alunos que foram para Portugal - Graduação Sanduíche (2013-2016)

Curso	Quantidade	Percentual
Direito	35	14,2%
Engenharia de Produção	25	10,2%
Engenharia Ambiental	24	9,8%
Engenharia Civil	20	8,1%
Engenharia Geológica	17	6,9%
Engenharia de Controle e Automação	16	6,5%
Arquitetura e Urbanismo	14	5,7%
Letras	13	5,3%
Engenharia de Minas	12	4,9%
Engenharia Metalúrgica	12	4,9%
Comunicação Social – Jornalismo	10	4,1%
Ciências Biológicas	8	3,3%
Artes Cênicas	7	2,9%
Nutrição	6	2,4%
Ciências Econômicas	5	2,0%
Farmácia	5	2,0%
História	4	1,6%
Engenharia Mecânica	3	1,2%
Museologia	2	0,8%
Pedagogia	2	0,8%
Serviço Social	1	0,4%
Sistemas de Informação	1	0,4%
Educação Física	1	0,4%
Medicina	1	0,4%
Filosofia	1	0,4%
Turismo	1	0,4%
Total	**246**	**100%**

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: CAINT da IFES (2013-2016).

Com o elenco supra indicado, é possível verificar que são várias as barreiras e possibilidades da internacionalização. Com base nisso, fez-se uma pesquisa a respeito da internacionalização e suas barreiras e possibilidades em uma IES, no curso de bacharelado em Administração, que é apresentada na análise dos dados.

METODOLOGIA

O presente estudo resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo descritivo conclusivo, que se desenvolveu por meio da coleta de dados mediante questionários.

O objetivo descritivo conclusivo deveu-se ao fato de o estudo, por meio da padronização da coleta de dados, observar, analisar, registrar e interpretar sem a interferência dos autores (RODRIGUES, 2007). A pesquisa teve por objetivo compreender o grau de conhecimento entre os alunos sobre a internacionalização do ensino superior, estabelecendo uma relação com o que os autores dizem a respeito da internacionalização a partir do que os alunos vivenciam, acreditam ou conhecem a respeito da academia que trata sobre a internacionalização.

A coleta de dados por meio de questionário, que é onde o próprio informante responde, dessa forma, garantindo-lhe o anonimato (OLIVEIRA, 2011), foi realizada com base em um levantamento de campo com os alunos do curso de Administração de uma IFES. A amostra foi composta por 42 alunos entre o primeiro e o oitavo período do curso de Administração. O questionário continha questões abertas e fechadas. As questões abertas permitiram entender o interesse do aluno pela mobilidade, os motivos pelos quais nunca a havia feito e os países nos quais tinha vontade de fazê-la. Já as questões fechadas permitiram compreender

como o tema da internacionalização é entendido e vivenciado pelos alunos, bem como práticas pedagógicas e as inúmeras interações com o tema na universidade por meio da literatura sobre a internacionalização.

ANÁLISE DOS DADOS

A partir da ilustração a respeito do tópico "Internacionalização do ensino superior: uma breve ilustração", procurou-se fazer um levantamento do nível de conhecimento dos alunos do curso de Administração de uma IFES, isso com o intuito de levantar hipóteses para saber por que eles nunca participaram da Mobilidade Acadêmica Internacional Brasil-Portugal, na IFES estudada. Resultou em: 93% dos alunos já tinham ouvido falar sobre a mobilidade acadêmica internacional, porém, quando solicitados a definirem o que ouviram falar, não sabiam muito bem o que responder.

Tabela 3 – Já fez ou tem vontade de fazer mobilidade acadêmica

Você já fez mobilidade acadêmica internacional?		**Tem vontade de fazer mobilidade acadêmica internacional?**	
Sim	5%	Sim	88%
Não	95%	Não	12%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: pesquisa de campo.

Na Tabela 3, observa-se que somente 5% da amostra já havia feito a mobilidade acadêmica, porém 88% tinham vontade de fazer. Ao perguntar para quais países os alunos teriam interesse de fazer a

mobilidade acadêmica, revelou-se um *ranking* em que Portugal obteve 5% dos votos, ficando depois dos Estados Unidos, Canadá, Espanha, Alemanha e França. Foram obtidas 119 respostas, de 25 países diferentes, bem como pessoas que não tinham interesse.

A Tabela 4 elenca os motivos apontados pelos alunos para nunca terem feito a mobilidade acadêmica. Em primeiro lugar, encontra-se o fator financeiro. As faltas de oportunidade e informação são apontadas, pelos alunos, como fatores que dificultam tanto quanto aquele financeiro.

Tabela 4 – Motivos pelos quais o aluno nunca fez mobilidade acadêmica

Falta de recursos financeiros	38%
Falta de oportunidade	29%
Trabalho	6%
Não tenho interesse	6%
Baixo coeficiente	6%
Falta de planejamento	6%
Falta de informação	3%
Falta de coragem	3%
Falta do inglês	3%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: pesquisa de campo.

Aqueles alunos que já haviam feito a mobilidade acadêmica internacional responderam quais foram os maiores aprendizados. Entre eles, citaram: o respeito por outras culturas; a tolerância; o respeito às diferenças; a melhoria no currículo; a amplitude do aprendizado; o aperfeiçoamento de novas línguas; e o aprendizado de novas culturas.

Na Tabela 5, são listados os benefícios apontados por Veiga (2011, p. 23), ao pesquisar diferentes autores, como Knight (2007), IAU (2003), Jofin (2009), Knight e Levy (2008), Catroga (2010 *apud* Veiga, 2011), para ver quais benefícios os alunos mais consideravam; os respondentes podiam marcar mais de uma opção. A melhoria da qualidade acadêmica e o ganho pessoal com competências foram considerados, pelos alunos da Administração, os mais benéficos para a internacionalização.

Tabela 5 – Benefícios da Internacionalização

Geração de receitas	90%
Melhorias da qualidade acadêmica	75%
Ganho pessoal com competências	63%
Fortalecimento individual, institucional e da comunidade	56%
Pessoal / alunos mais orientados internacionalmente	51%
Desenvolvimento nacional num mundo mais interdependente e interligado	29%
Cidadania nacional e internacional	27%
Dinâmica internacional do *campus*	19%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: Veiga (2011).

Na Tabela 6, foram listadas as 12 motivações para a internacionalização apontadas por Veiga (2011, p. 15). Os alunos apontaram como o mais importante a mobilidade e o intercâmbio dos alunos e professores, seguido pelo entendimento internacional e intercultural e pela colaboração no ensino e investigação.

Tabela 6 – Importância para as Instituições de Ensino

Mobilidade e intercâmbio de alunos e professores	71%
Entendimento internacional e intercultural	62%
Colaboração no ensino e investigação	59%
Desenvolvimento do *curriculum*	55%
Diversificação da origem do corpo docente e alunos	40%
Standards acadêmicos e qualidade	31%
Projetos de investigação	31%
Questões regionais e integração	31%
Cooperação e desenvolvimento de assistência	28%
Promoção e perfil da instituição	26%
Recrutamento de alunos internacionais	23%
Diversificação das fontes de geração de rendimento	21%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: Veiga (2011).

Na Tabela 7, enumeram-se os riscos da internacionalização, segundo IAU (2003 *apud* VEIGA, 2011), sobre os quais os alunos foram indagados: perguntou-se se concordavam total ou parcialmente, ou se discordavam total ou parcialmente. No risco 1, 39% concordava parcialmente com a afirmativa. No risco 2, denominado, por Veiga (2011), de *brain drain* – "fuga de cérebros", os alunos concordavam parcialmente em 49%. No terceiro risco, os alunos discordavam totalmente em 37%. No risco 4, 59% dos alunos discordavam totalmente. No risco 5, os alunos concordavam parcialmente em 40%.

Tabela 7 – Riscos da Internacionalização

Nível de concordância	1. A comercialização/ mercantilização da educação	2. A perda de pessoal com competência	3. A perda da identidade cultural	4. A ameaça à qualidade de educação	5. A condução de programas acadêmicos em língua inglesa
Concordo totalmente	19,5%	24%	7%	5%	10%
Concordo parcialmente	39%	49%	32%	14%	40%
Discordo parcialmente	22%	17%	24%	22%	24%
Discordo totalmente	19,5%	10%	37%	59%	26%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: IAU(2003) *apud* Veiga (2011).

Na Tabela 8, Veiga (2011, p. 17-18) lista, segundo Knight (2010 *apud* VEIGA, 2011), as motivações para a internacionalização, agrupando-as em quatro categorias, que constituem um conjunto de motivos multi nivelados que, de acordo com a autora, evoluem ao longo do tempo devido às necessidades e tendências. Sendo assim, essa questão foi aplicada no questionário desta pesquisa, e os alunos de Administração acreditam que a categoria que melhor define a internacionalização é o motivo acadêmico, seguido do motivo cultural e social. Apenas 3% dos alunos acreditam que o motivo político é a categoria que melhor define a mobilidade acadêmica internacional.

Tabela 8 – Categorias que melhor definem os motivos para a mobilidade acadêmica internacional

Motivo acadêmico	Dimensão internacional para a investigação e ensino; extensão do horizonte acadêmico; construção da instituição; Perfil e *status*; melhoria da qualidade; *standards* acadêmicos internacionais	55%
Motivo cultural e social	Identidade cultural nacional; entendimento intercultural; desenvolvimento da cidadania; desenvolvimento social e da comunidade	45%
Motivo econômico	crescimento econômico e competitividade; mercado de trabalho; incentivo financeiro	33%
Motivo político	política estrangeira; segurança nacional; assistência técnica; paz e entendimento mútuo; identidade nacional; identidade regional	3%

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: Knight (2010) *apud* Veiga (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da internacionalização do ensino superior implica a mobilização de diversos agentes, entre eles, Estado, instituições de ensino nacionais e internacionais, gestores educacionais e comunidade acadêmica. E essa mobilização passa pelo desenvolvimento de políticas de mobilidade internacional, programas de financiamento, metas para internacionalização e critérios de avaliação dos intercâmbios realizados.

Apesar da importância da temática, o que se encontra em campo é, muitas vezes, um desconhecimento efetivo sobre programas e possibilidades de internacionalização por parte da comunidade envolvida. Muito se fala a respeito, mas pouco ainda se faz. Reconhece-se a importância de se internacionalizar enquanto administrador em formação, mas pouco se sabe sobre as efetivas alternativas para tal.

Em consonância com essa questão e buscando compreender o grau de conhecimento dos discentes de uma IFES no tocante à temática ora apresentada, realizou-se uma pesquisa de campo, obtendo-se uma amostra de 42 indivíduos. Os dados coletados apontam para a confirmação da hipótese inicial, qual seja, a de que há uma grande disseminação do tema da internacionalização do ensino superior, mas há a compreensão de que a sua efetividade é muito mais complexa do que realmente se apresenta. É como se as pessoas pensassem que a internacionalização não está ao alcance delas.

Os resultados coletados apontam para o baixo grau de conhecimento por parte dos alunos. Aponta-se, aqui, como uma saída para esse baixo grau de conhecimento, a inserção de oficinas, palestras e ações desde o início do curso, o que poderia culminar em maiores possibilidades de mobilidade acadêmica. Outra questão que os dados revelam refere-se ao financiamento da internacionalização, que, muitas vezes, significa o impedimento de realização de tal programa por parte dos discentes. Ao superar-se esse fator, pode-se buscar o estabelecimento de parcerias a fim de oferecer programas de financiamento aos discentes que os auxiliem financeiramente para a mobilidade acadêmica internacional.

Este artigo apresenta inúmeras limitações, tais como a abrangência de sua amostra, bem como a exploração inicial do tema da internacionalização, todavia, avança em termos de proporcionar o debate relativo ao tema nas instâncias da IFES. Observou-se a

necessidade de uma pesquisa com maior amplitude, motivada pela necessidade de entender melhor os alunos e suas relações com os programas de internacionalização do ensino superior.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. "Estratégias educativas de internacionalização: uma revisão da literatura sociológica". **Educação e Pesquisa**, vol. 35, n. 1, 2009.

ARAÚJO, E. R.; SILVA, S. "Temos de fazer um cavalo de Troia: elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior". **Revista Brasileira de Educação**, vol. 20, n. 60, 2015.

BATISTA, V. O. "O impacto da globalização no desenvolvimento acadêmico". **Anais da XI Reunião Anual do Fórum das Assessorias de Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

BERNHEIM, C. T.; CHAUÍ, M. S. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: UNESCO, 2008.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

CÂNDIDO, A. C. "Inovação disruptiva: reflexões sobre as suas características e implicações no mercado". **IET Working Papers Series**, n. 21, julho, 2011.

CEVASCO, M. E. “Hibridismo cultural e globalização”. **ArtCultura**, vol. 8, n. 12, 2006.

CHERMANN, L. P. **Cooperação internacional e universidade**: uma nova cultura no contexto da globalização. São Paulo: Editora da USP, 1999.

DALE, R. “Globalização e educação: demonstrando a existência de uma ‘cultura educacional mundial comum’ ou localizando uma ‘agenda globalmente estruturada para a educação’”. **Educação e Sociedade**, vol. 25, n. 87, 2004.

DOUEK, A.; ZYLBERSTAJN, A. **Intercâmbio**: influência na empregabilidade do administrador (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Administração de Empresas). São Paulo: ESPM, 2007.

FERRARI, M. “A internacionalização dos Institutos Federais: um estudo sobre o acordo Brasil-Canadá”. **Educação e Sociedade**, vol. 36, n. 133, 2015.

FREITAS, A. A. S. M. **Avaliação da educação superior**: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal (Tese de Doutorado em Educação). Salvador: UFBA, 2010.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. “Strategies for internationalisation of higher education: historical and conceptual perspectives”. *In*: EAIE: European Association for International Education: **Strategies for internationalisation of higher education**: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America. Amsterdam: EAIE, 1995.

LAUS, S. P. **A internacionalização da educação superior**: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina (Tese de Doutorado em Administração). Salvador: UFBA, 2012.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. "Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação?". **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, vol. 19, n. 72, 2011.

LIMA, M. C.; RIEGEL, V. "Mobilidade acadêmica made in south: refletindo sobre as motivações de estudantes brasileiros e colombianos". **Magis: Revista Internacional de Investigación en Educación**, vol. 8, n. 16, 2015.

LIMA, M. C.; RIEGEL, V. "Motivações da mobilidade estudantil entre os estudantes do curso de Administração". **Revista Guavira Letras**, vol. 10, 2010.

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo**: um estudo de três áreas do conhecimento (Tese de Livre-Docência em Administração). Ribeirão Preto: USP, 2006.

MOROSINI, M. C. *et al*. "A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor indicadores". **Revista Brasileira de Educação**, vol. 21, n. 64, 2016.

NEAVE, G. "A privatização da educação superior e a dinâmica do Estado avaliador". **Anais do VIII Fórum Nacional: Ensino Superior Particular Brasileiro**. São Paulo: USP, 2006.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. S.; RAMOS, V. C. C. "Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares". **Educação e Sociedade**, vol. 29, n. 103, 2008.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisa em Administração. Catalão: Editora da UFG, 2011.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia científica**. Paracambi: IST, 2007.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

SILVA, C. S.; LIMA, M. C.; RIEGEL, V. "Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil". **Anais do XXXVI Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

STALLIVIERI, L. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional** (Tese de Doutorado em Educação). Buenos Aires: USAL, 2009.

TEODORO, A. **Globalização e educação**: políticas educacionais e novos modos de governação. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

VEIGA, R. **Internacionalização das instituições de ensino superior em Portugal**: proposta de metodologia para construção de indicadores do grau de internacionalização (Dissertação de Mestrado em Negócios Internacionais). Leiria: IPLeiria, 2011.